

# O PROTAGONISMO DAS MÃES NA LUTA PELO TERRITÓRIO E MANUTENÇÃO DA UNIDADE DO GRUPO FAMILIAR KANELA DO ARAGUAIA<sup>1</sup>

Francine Pereira Rebelo (UFSC)

**Resumo:** Neste trabalho destaco o protagonismo das mães na luta pelo território e manutenção da unidade do grupo familiar Kanela do Araguaia. Trata-se de uma pesquisa iniciada junto aos Kanela do Araguaia da aldeia Tapiraká, município de Santa Terezinha, Mato Grosso (MT). A partir das trajetórias de duas mães e seus empreendimentos em relação aos seus/suas filhos/as e demais membros da comunidade, faço uma reflexão sobre sua importância nos processos de resistência e reelaboração étnica de seu povo. Estas mulheres impulsionaram as principais forças motivadoras para manutenção de suas tradições culturais, lutas por reconhecimento das suas diferenças étnicas e direitos territoriais, mobilizadas após um longo período em que se viram obrigados a ocultar suas origens étnicas em razão de violências que lhes eram impetradas. Afirmando-se como Kanela do Araguaia, tem como marco fundador na afirmação de suas origens étnicas a implantação da aldeia Tapiraká, no ano de 2016, resultado de um longo processo de luta pela sobrevivência e união do grupo, também liderado por mães indígenas. Na luta pela manutenção do grupo familiar e território, as matriarcas compartilham com seus/suas filhos/as e netos/as seus sonhos e ideais de bem viver, elaborando estratégias de agregação que envolvem memórias, luta cotidiana por sobrevivência e relação com o Estado.

**Palavras-chave:** maternidade; mulheres indígenas; gênero; Kanela do Araguaia

## Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa iniciada junto aos Kanela do Araguaia da aldeia Tapiraká, município de Santa Terezinha, Mato Grosso (MT). O objetivo da pesquisa é compreender o protagonismo político das mães indígenas, que se revela tanto na busca e obtenção de sustento, manutenção e bem-estar de seus grupos familiares, quanto nos processos mais amplos de mobilização e luta por reconhecimento e direitos dos povos aos quais pertencem.

A escolha da aldeia Tapiraká como campo de pesquisa se deu após um encontro com o cacique, Vilmar Kuxywary durante o Acampamento Terra Livre (ATL) 2019 e a descrição minuciosa do papel político da sua mãe na organização do grupo e processo de ocupação da terra. Durante a pesquisa de campo na aldeia, fui recebida por Vilmar, sua irmã e vice-cacica Neusília e sua mãe dona Joventina. A matriarca chama-se Joventina

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Pereira dos Santos, conhecida também por Dona Cinita e tem o nome em Kanela de *Korsi*, que quer dizer “mulher de luta”.

Apesar da breve estadia na aldeia, busquei ficar atenta às questões referentes à maternidade<sup>2</sup>. Desse modo, destaco brevemente duas principais narrativas dos Kanela do Araguaia nas quais é ressaltado o protagonismo das mães. A primeira é referente ao processo de reafirmação étnica dos Kanela do Araguaia, iniciado pela falecida Ana de Nazaré Batista dos Santos, mãe de Joentina, no início dos anos 2000. A segunda é referente à fundação da aldeia Tapiraká, no ano de 2016<sup>3</sup>, liderada pela própria Joentina e resultado de uma longa trajetória de esbulho, expropriação e violência. Ambos os processos estão interligados e fazem parte da busca das mães indígenas pela manutenção da unidade do grupo familiar Kanela do Araguaia.

### **Narrativas dos/as Kanela da aldeia Tapiraká**

Por muito tempo, em razão de violências e expulsões, os Kanela do Araguaia foram impedidos de contar a sua origem indígena e sua história de migração do Maranhão. Segundo Vilmar, o seu povo é oriundo do Maranhão, de onde saíram “na década de 1930, por não suportar mais a quantidade de ataques de pistoleiros contratados por fazendeiros” e sendo obrigados a deixar suas terras. Fugindo de um genocídio, percorreram vários lugares até se estabelecerem no município de Santa Terezinha, no Mato Grosso, às margens do rio Araguaia, de onde vem a origem da atual denominação étnica de “Kanela do Araguaia”.

Vilmar descreveu com tristeza o fato de que, durante décadas, por medo, ficaram “sem poder revelar sua identidade”, sua origem étnica. Foi só recentemente que os Kanela do Araguaia iniciaram um processo de afirmação étnica, demandando o reconhecimento pelo Estado e o acesso aos direitos constitucionais enquanto parte de um povo indígena, especialmente em relação a regularização das suas terras. O silêncio de várias décadas foi a estratégia encontrada para proteger o grupo familiar das violências e preconceito contra os indígenas.

---

<sup>2</sup> A minha intenção era retornar à aldeia Tapiraká em março de 2020, para um trabalho de campo prolongado, no entanto, com a pandemia as viagens à aldeia ficaram impossibilitadas.

<sup>3</sup> A ocupação aconteceu no dia 06 de janeiro de 2016. A Funai até o momento não demarcou a terra e tampouco estabeleceu a criação de Grupo de Trabalho para Estudos de identificação e delimitação.

Apesar do impedimento de se assumirem frente aos não indígenas, entre o próprio grupo todos sabiam que eram indígenas. A avó de Vilmar, Ana de Nazaré, sempre contava “como nós era índio”. Ana de Nazaré aparece nos relatos dos Kanela do Araguaia como uma importante organizadora da unidade familiar e da memória do grupo. Rompendo depois de muitas décadas o silêncio em relação a etnicidade, ela é a responsável por iniciar o processo de reafirmação étnica. Em razão desse processo, mesmo antes da fundação da aldeia em 2016, os Kanela do Araguaia já eram formalmente reconhecidos pelo Estado brasileiro enquanto indígenas, sendo atendidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) e Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) desde 2012 na cidade de Santa Terezinha-MT. Segundo me relataram, esta foi uma conquista de um processo iniciado em 2002 por Ana de Nazaré, que infelizmente não pôde acompanhar os resultados dos seus esforços, pois faleceu em 2004.

Após a morte de Ana de Nazaré, mas ainda guiados pelas suas memórias, alguns dos seus filhos empreenderam uma viagem em 2008 à aldeia Porquinhos no Maranhão. Ali, foram reconhecidos pelos Kanela Apaniekra<sup>4</sup> como descendentes dos parentes que haviam fugido dos massacres do início do século XX (DELGADO; ROSA, 2018:4). Após seu retorno, ainda inspirados pela mãe Ana de Nazaré, e liderados por Joventina, o seu núcleo familiar passou a se mobilizar para conquistar o reconhecimento enquanto povo indígena e fundar uma aldeia onde o seu povo pudesse viver. Segundo os relatos de Joventina,

“A mãe [Ana de Nazaré] ficava [quieta], mas minha mãe era... sempre tinha esse sonho de ter uma terra, ter um lugar pra nós morar. Minha mãe começou também a entrar nesse assunto, e aí logo morreu. E antes dela morrer ela disse assim pra nós.... fez uma reunião com todos os filhos na porta da casa dela, e falou

---

<sup>4</sup> O povo indígena Kanela do Araguaia se reconhece como oriundo do grupo indígena Kanela Apaniekra do Maranhão. Kanela – ou Canela, dependendo da grafia – é o nome pelo qual ficaram conhecidos dois povos Timbira: os Ramkokamekra e os Apaniekra. No que se refere a trabalhos específicos sobre os Kanela Apaniekra, destaca-se os textos de Crocker (1967, 1972, 1978). Entre os trabalhos mais atuais, vale citar “Messianismo Canela: entre o indigenismo de estado e as estratégias do desenvolvimento”, tese de Rizzo de Oliveira (2006); “Prwncwyj: drama social e resolução de conflito entre os Apãniekra Jê-Timbira”, dissertação de Nascimento (2009) e “Aukê e Briga de Papel: "Ensina o *mehin* como o *kupen* faz!" tese de Guerra (2016). Por fim, no que concerne aos chamados “Kanela do Araguaia”, destaco o já mencionado texto de Rosa e Delgado (2018). Vale ressaltar que, de acordo com Souza (2011), o povo Kanela do Araguaia compartilha a história do massacre que os teriam obrigado a deslocar-se com os Krahô-Kanela, referenciando uma mesma região “de origem”. Ambos os povos realizaram trajetórias semelhantes até se fixarem nos respectivos territórios onde se encontram atualmente.

assim pra nós: ela sabe que ela não tem mais muitos dias de vida, já está muito curto o tempo de vida dela, ‘mas eu entrego o meu sonho, a minha realidade na mão da Cinita’ – foi pra mim. Eu me levantei, abracei ela e falei: ‘eu vou ficar com a sua causa’. [Pausa para choro]” (DELGADO; ROSA, 2018:13)”.

“[Aproximadamente em 2009] Eu [Joventina] resolvi assim... eu chamei meus filhos, fiz uma reunião com eles, ai falei pra eles ‘agora... nós vamos fazer assim: toda reunião que tiver por aí, Luciara, reunião de retireiro, reunião disso, daquilo outro, eu vou participar. Eu quero ver como e por onde a gente começa a entrar nas coisas’. Porque eu não sabia. E assim fiz. Fui em reunião em São Félix [do Araguaia], Luciara, Porto Alegre [do Norte], é... como é que chama? O outro lugar... Altopeba, perto de Luciara, tudo eu fui em reunião pra mim escutar como é que era. Fui andando e fui ali. Quando chegou de eu ter ido numa reunião em São Félix com um índio Krahô-Kanela eu falei vou lá conversar com ele e vou explicar pra ele quem eu sou e da onde eu sou. Moço, quando eu sentei com ele pra conversar, ele levantou e me abraçou e chorou... é... chorou. O índio chama-se Mariano e mora na Lagoa da Confusão. Ele falou ‘parenta, tô aqui’ e falou ‘meus pais me contaram essa história... de vocês’. Ele disse ‘parenta, vamos morar na Lagoa da Conceição?’, eu falei ‘não, eu vou caçar outro lugar pra mim’. Ai cheguei em casa, conversei com meus filhos e falei ‘eu já não guento mais andar pra cima e pra baixo’ e deixei o cargo na mão deles e falei ‘te vira meu filho[ (Idem:14)”.

Após firmar um compromisso com a mãe em dar continuidade à causa, Joventina buscou meios para alcançar seu objetivo de sair da cidade e conseguir uma terra onde pudesse manter o seu grupo familiar unido. Joventina é viúva e mãe de doze filhos, entre os quais nove são vivos. Raimundo, seu marido e pai dos seus filhos, faleceu em 1991. Há quase três décadas, Cinita é a principal agregadora do grupo, tarefa que tem desenvolvido com êxito, visto que dos nove filhos vivos, atualmente seis moram na aldeia Tapiraká e três moram na cidade de Santa Terezinha, mas realizam visitas regulares à matriarca aos fins de semana. O marido também era seu parente e tinha vindo junto na migração do Maranhão para Goiás. Ana de Nazaré, mãe de Cinita, foi quem recomendou o casamento para evitar “a mistura” com pessoas de fora” (DELGADO; ROSA, 2018: 8). Os casamentos endogâmicos, regulados pela primeira matriarca, também podem ser entendidos como estratégia de continuidade étnica.

Neusília afirmou que até a fundação da aldeia pesquisaram muito uma área antes de ocuparem. “Esta terra tem significado. Era esta terra! Esta terra que é mãe-terra”.

Questionei o que seria a mãe-terra e ela respondeu: “A mãe não cria os filhos? A terra para nós é como uma mãe, quem cria, quem dá a sobrevivência. A terra é vida”. Vilmar também contou que “era meu sonho ter um lugar para morar, era o sonho da minha mãe [Joventina] ter um lugar para morar com a família e um sonho também da mãe dela [Ana de Nazaré]”. Inspirada pelo pedido de Ana de Nazaré antes do seu falecimento, Dona Cinita buscou a realização desse sonho. Foi então que os Kanela decidiram “é agora que nós vamos enfrentar”. Quando eu perguntei a Vilmar se no momento da fundação da aldeia sua mãe Joventina também tinha vindo com eles, ele respondeu: “Eu é que vim com ela, ela é quem impulsiona as coisas”.

Dona Cinita, Vilmar e Neusília, afirmaram que, apesar dos problemas, são muito felizes na terra, pois ela foi muito desejada. Os Kanela fazem uma distinção entre a vida na cidade, segundo eles “na rua”, e a vida na aldeia. Dona Cinita disse que “queria muito sair da rua, queria muito ir para aldeia, pois lá “não tem como se acompanhar de más pessoas. ‘Tá’ longe da pinga, longe da droga””. Em mais de uma ocasião, relatou os problemas de se viver na cidade, onde os pais não têm controle dos filhos e “eles podem cair na bebida e fumar droga”. Neusília, também afirmou que acha mais difícil criar os filhos na cidade, pois “aldeia é mato, é muito melhor para criar os filhos. Na cidade tem muita influência ruim, droga, bebidas. Quando a gente estava na ‘rua’ os meninos [seus filhos] tinham muitos amigos que hoje estão presos, envolvidos em droga”.

Neusília também contou que ela e sua família foram muito questionados na cidade por terem se assumido enquanto indígenas. Ela falou que “ninguém vira índio, a gente nasce!”. Ninguém vira índio porque quer ser beneficiado, “você não acha que é índio, você nasce”. De acordo com a liderança, apesar de não se assumirem enquanto indígenas por muitos anos, os Kanela “cresceram sabendo das suas histórias”, sendo um sonho da sua mãe “resgatar a cultura e viver na aldeia”. Assim, Dona Cinita vivia na cidade falando que “queria que seus netos crescessem dentro da aldeia”. Neusília fala também das dificuldades de viver na cidade, onde se sentiam “um peixe fora d’água”, pois “não podiam dançar, não podiam cantar, não podiam pintar”. Para liderança, apesar de viver na aldeia, “a luta não acabou”. Ela ressalta a importância de se viver na aldeia “a vida de índio, não a de branco”. Sua reclamação é no sentido de ainda não terem conseguido organizar uma escola bilíngue, não poder estudar a língua e de não terem algumas coisas “importantes para a cultura”, como a semana cultural.

## **Considerações finais**

O impulso dado por Joventina e Ana de Nazaré na busca por direitos é perceptível na fala dos seus filhos e netos. O desejo de viver na aldeia, “como índio”, era uma preocupação de Ana de Nazaré, da sua filha Dona Cinita e consecutivamente de seus filhos/as e netos/as. Na manutenção do grupo familiar, as matriarcas compartilham com seus filhos/as seu sonho e ideal de viver bem e elaboram estratégias de agregação: o silêncio para os não indígenas, o compartilhamento de memórias com os/as filhos/as, o casamento endogâmico, a proteção contra a vida na “rua”. A inquietação vai além da criação dos/as filhos/as e mobiliza as mães Kanela a tomarem medidas concretas também junto aos órgãos públicos.

Embora até o momento a Funai não tenha tomado providências para o reconhecimento e regularização das terras dos Kanela do Araguaia, no município de Santa Terezinha, os indígenas continuam mobilizados e articulados nas mais diversas instâncias para a sua obtenção. Mobilização esta, como as informações já levantadas indicam, motivada e articulada na liderança de duas mulheres, de duas mães, cujas atuações têm assegurado não apenas a unidade e a continuidade do grupo familiar ao longo das décadas de busca por um lugar seguro para viver, mas também a memória de suas origens e trajetórias étnicas, que lhes possibilita reconhecerem-se com pertencente a um povo étnico, culturalmente distinto.

O protagonismo das mulheres Kanela do Araguaia, especialmente das mães, evidenciam que a maternidade, ao contrário do que muitas vezes se pressupõe, não é necessariamente um limitador das atuações femininas, podendo muitas vezes se tornar um elemento mobilizador para a inserção das mulheres indígenas nos espaços públicos, de articulação política e de relação com o Estado. Trata-se ainda de um modo de resistência étnica e cultural, no qual ter filhos/as representa a possibilidade de continuação do grupo e da cultura Kanela. Neste sentido, a maternidade se apresenta como elemento de destaque na propulsão de processos de reafirmação étnica e ocupação territorial dos Kanela do Araguaia.

## Referências bibliográficas

CROCKER, William H. Estórias das épocas de pré e pós-pacificação dos Rankokanmekra e Apaniekra-Canela. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém : MPEG, n.68, 1978.

\_\_\_\_\_, William H. The non-adaptation of a savanna indian tribe (Canela, Brazil) to forced forest relocation : an analysis of ecological factors. In: Seminário de estudos brasileiros. Anais. v.1. São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. p. 213-81.

\_\_\_\_\_, William H. O movimento messiânico dos Canelas : uma introdução. In: SCHADEN, Egon (Org.). Leituras de etnologia brasileira. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1974. p.515-28. [Tradução do original em inglês publicado nas Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica, v.2 (Antropologia), p. 69-83, 1967.

DELGADO, Paulo Sérgio; DA ROSA, Juliana Cristina. *A trajetória de Joventina e sua relação com a história dos Kanela do Araguaia: expropriação, perseguições, silenciamentos e a luta pelo reconhecimento étnico e territorial*. In: “Os Brasis e suas memórias: os indígenas na formação nacional”, 2018. Disponível em: <http://osbrasisesuasmemorias.com.br/wp-content/uploads/2018/04/Artigo-Joventina-Kanela.pdf>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

GUERRA, Marcele G. *Aukê e briga de papel: ensina o mehin como o kupen faz*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, L. A. S. *Prwncwyj: drama social e resolução de conflitos entre os Apãniekra Jê Timbira*. 2009. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Antropologia, Natal, 2009.

OLIVEIRA, Adalberto Luiz Rizzo de. *Messianismo Canela: entre o Indigenismo de Estado e as Estratégias do Desenvolvimento*. Tese de Doutorado. São Luís, UFMA-PGPP, 2006.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. Série: Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central. Fascículo 1. Povo Indígena Kanela do Araguaia, Manaus, 2009.

SOUZA, Kariny Teixeira. *Ser Krahô-Kanela, primeiramente, é a gente ter conseguido voltar pro nosso território*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2011.